



## O DESPERTAR DA AMÉRICA LATINA

*Walter Belik*

03 de Julho 2007

Na sociedade moderna, a fome se manifesta como um atrito constante nas nossas engrenagens, gerando marginalidade, violência e falta de participação, além de agravar a pobreza e as desigualdades. Uma sociedade saudável e com iguais oportunidades deve eleger o combate à desnutrição como base para outras políticas sustentáveis de enfrentamento da pobreza.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), há hoje no nosso continente um universo de 52,4 milhões de pessoas subnutridas, ou seja, 10% da população. Apesar disso, de 1990 para cá a América Latina e o Caribe reduziram em 7 milhões (3 pontos percentuais) o número de pessoas subnutridas.

No geral, a participação da região na redução da fome no mundo atende aos compromissos estabelecidos pelos países em relação à Cúpula Mundial da Alimentação e aos Objetivos do Milênio, mas está muito aquém das suas possibilidades. Temos condições objetivas de erradicar esse flagelo social em curto espaço de tempo.

Primeiro porque o crescimento da economia e a consolidação democrática colocam bases sólidas para que a sociedade quebre uma suposta letargia, reconheça a fome como um problema endêmico e passe a buscar soluções concretas para sua efetiva superação.

Nos últimos anos a região cresceu em ritmo superior à média mundial e se destacou como um espaço privilegiado de valorização de investimentos produtivos. Em alguns casos, como na Argentina, houve uma recuperação em relação aos anos de recessão, mas se observa que essa fase é inédita em relação aos últimos 20 anos. Em alguns países o crescimento está permitindo uma recuperação da infra-estrutura produtiva, a abertura de oportunidades e um maior investimento social.

Há uma evidente melhoria das condições macroeconômicas. A estabilidade da moeda e o bom panorama internacional reduziram a vulnerabilidade na região - muitos países reduziram ou zeraram a dívida externa. Hoje, boa parte dos compromissos externos não se dá entre países, mas sim entre empresas ou bancos.

O crescimento econômico dos últimos anos pode ser creditado em parte à produção agrícola e agroindustrial. A abertura de mercados e a redução de barreiras tarifárias internacionais beneficiaram diretamente a agricultura latino-americana. Apesar de a população rural ter diminuído, a agricultura impulsionou a recuperação da Balança Comercial dos países - reduzindo a dependência de capital externo para equilíbrio do Balanço de Pagamentos.

A nossa agricultura está em todas partes do mundo. Países como Brasil - sexto maior exportador de alimentos -, Argentina, México, Colômbia e Chile fornecem boa parte dos alimentos para o resto do mundo. Observa-se, porém, que a agricultura está cada vez mais voltado para as exportações, acentuando a velha divisão do trabalho e não levando em conta a população excluída de emprego,

renda e cidadania.

A América Latina reforçou suas instituições democráticas. A justiça e outras instâncias cidadãs se reafirmaram como espaços de defesa dos menos favorecidos. O Índice de Democracia Eleitoral (IDE), criado pelas Nações Unidas, mostra que a região saltou de 0,69 em 1985 para 0,93 em 2002 [numa escala de 0 a 1]. O novo panorama das políticas sociais criou espaços de negociação para os diversos atores sociais.

A região vive hoje condições objetivas e plausíveis para o desencadeamento de programas estruturantes e emancipatórios de segurança alimentar e nutricional. Some-se a essas condições um elemento subjetivo de grande importância: a vontade política de seus governantes em equacionar o problema.

É neste contexto que o Brasil realizará entre os dias 3 e 6 de julho, em Fortaleza(CE), a III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, para formular políticas de combate aos problemas sociais. Será um evento de expressão mundial, com a participação de 2.000 pessoas, representando governos e sociedade civil, além de convidados internacionais.

Enfim, hoje nos damos conta de que a engrenagem que movia a máquina da nossa sociedade estava emperrada. Ao que parece, despertamos de uma longa letargia. Agora é superar de vez a insensibilidade e fazer com que a modernidade e o desenvolvimento passem necessariamente pelo combate dos nossos problemas seculares.

**Walter Belik** *Professor da Unicamp e membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). Coordenador da Iniciativa América Latina e Caribe sem Fome da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO).*

**Assessoria de Comunicação**  
(61) 3411.3349 / 2747

[www.presidencia.gov.br/consea](http://www.presidencia.gov.br/consea)  
[ascom@consea.planalto.gov.br](mailto:ascom@consea.planalto.gov.br)